



Livro
de
poemas

**Estilos de época
na
literatura brasileira**

ERA
COLONIAL

Quinhentismo (século XVI)

Carta de Pero Vaz de Caminha

Trecho:

"Trouxeram-lhes vinho em uma taça; mal lhe puseram a boca; não gostaram dele nada, nem quiseram mais. Trouxeram-lhes água em uma albarrada, provaram cada um o seu bochecho, mas não beberam; apenas lavaram as bocas e lançaram-na fora. Viu um deles umas contas de rosário, brancas; fez sinal que lhas dessem, e folgou muito com elas, e lançou-as ao pescoço;

e depois tirou-as e meteu-as em volta do braço,
e acenava para a terra e novamente para as
contas e para o colar do Capitão, como se
dariam ouro por aquilo."

Barroco (1601 a 1768)

Inconstância das coisas do mundo!

Gregório de Matos

Nasce o Sol e não dura mais que um dia,
Depois da Luz se segue a noite escura,
Em tristes sombras morre a formosura,
Em contínuas tristezas e alegria.

Porém, se acaba o Sol, por que nascia?
Se é tão formosa a Luz, por que não dura?
Como a beleza assim se transfigura?
Como o gosto da pena assim se fia?
Mas no Sol, e na Luz falta a firmeza,
Na formosura não se dê constância,
E na alegria sintam-se a tristeza,
Começa o mundo enfim pela ignorância,
E tem qualquer dos bens por natureza.
A firmeza somente na inconstância.

Arcadismo (1768 a 1808)

Marília de Dirceu

Tomás Antônio Gonzaga

Parte II, Lira I

“Nesta cruel masmorra tenebrosa
Ainda vendo estou teus olhos belos,
A testa formosa,
Os dentes nevados,
Os negros cabelos.

Vejo, Marília, sim, e vejo ainda
A chusma dos Cupidos, que pendentos
Dessa boca linda,
Nos ares espalham
Suspiros ardentes”

ERA NACIONAL

Romantismo (1836 a 1881)

Obra: **Suspiros Poéticos e Saudades**

Gonçalves de Magalhães

A Tristeza

Triste sou como o salgueiro

Solitário junto ao lago,

Que depois da tempestade

Mostra dos raios o estrago.

De dia e noite sozinho

Causa horror ao caminhante,

Que nem mesmo à sombra sua

Quer pousar um só instante.

Fatal lei da natureza

Secou minha alma e meu rosto;

Profundo abismo é meu peito

De amargura e de desgosto.

À ventura tão sonhada,
Com que outrora me iludia,
Adeus disse, o derradeiro,
Té seu nome me angustia.
Do mundo já nada espero,
Nem sei por que inda vivo!
Só a esperança da morte
Me causa algum lenitivo.

Realismo (1881)

Canções sem Metro

Raul Pompeia

Verão

O verão é o êxtase do fogo.

Desabrocha francamente a primavera púbere.

O esplendor

viçoso das formas da juventude aguarda a

carícia da asa do

estio que aquece e fecunda. Chega então a

festa do amor, a

orgia do fogo.

(...)

Naturalismo (1881)

Canções sem Metro

Raul Pompeia

A noite

Chamamos treva à noite. A noite vem do
Oriente como a luz.

Adiante, voam-lhe os gênios da sombra,
distribuindo estrelas e
pirilampos. A noite, soberana, desce. Por
estranha magia revelam-se
os fantasmas de súbito.

(...)

Parnasianismo (1882)

Rio Abaixo

Olavo Bilac

Treme o rio, a rolar, de vaga em vaga...
Quase noite. Ao sabor do curso lento
Da água, que as margens em redor alaga,
Seguimos. Curva os bambuais o vento.

Vivo, há pouco, de púrpura, sangrento,
Desmaia agora o Ocaso. A noite apaga
A derradeira luz do firmamento...
Rola o rio, a tremer, de vaga em vaga.

Um silêncio tristíssimo por tudo
Se espalha. Mas a lua lentamente
Surge na fímbria do horizonte mudo:

E o seu reflexo pálido, embebido
Como um gládio de prata na corrente,
Rasga o seio do rio adormecido.

Simbolismo (1893 até o início do século XX)

Livre

Cruz e Sousa

Livre! Ser livre da matéria escrava,
arrancar os grilhões que nos flagelam
e livre penetrar nos Dons que selam
a alma e lhe emprestam toda a etérea lava.

Livre da humana, da terrestre bava
dos corações daninhos que regelam,
quando os nossos sentidos se rebelam
contra a Infâmia bifronte que deprava.

Livre! bem livre para andar mais puro,
mais junto à Natureza e mais seguro
do seu Amor, de todas as justiças.

Livre! para sentir a Natureza,
para gozar, na universal Grandeza,
Fecundas e arcangélicas preguiças.

Pré-modernismo (1902 a 1922)

Versos íntimos

Augusto dos Anjos

Vês! Ninguém assistiu ao formidável
Enterro de tua última quimera.
Somente a Ingratidão – esta pantera –
Foi tua companheira inseparável!

Acostuma-te à lama que te espera!
O Homem, que, nesta terra miserável,
Mora entre feras, sente inevitável
Necessidade de também ser fera.

Toma um fósforo. Acende teu cigarro!
O beijo, amigo, é a véspera do escarro,
A mão que afaga é a mesma que apedreja.

Se a alguém causa inda pena a tua chaga,
Apedreja essa mão vil que te afaga,
Escarra nessa boca que te beija!

Modernismo (1922)

Pronominais

Oswald de Andrade

Dê-me um cigarro

Diz a gramática

Do professor e do aluno

E do mulato sabido

Mas o bom negro e o bom branco

Da Nação Brasileira

Dizem todos os dias

Deixa disso camarada

Me dá um cigarro

Referências

<https://mundoeducacao.uol.com.br/literatura/estilos-epoca.htm>

<https://www.coladaweb.com/literatura/literatura-brasileira>

<https://www.todamateria.com.br/origens-da-literatura-brasileira/>

<https://www.todamateria.com.br/carta-de-pero-vaz-de-caminha/>

https://www.pensador.com/poesias_de_gregorio_do_matos/

<https://www.todamateria.com.br/marilia-de-dirceu/>

<https://www.todamateria.com.br/goncalves-de-magalhaes/>

<https://www.escritas.org/pt/t/11725/verao>

<https://www.escritas.org/pt/t/11721/a-noite>

<https://www.escritas.org/pt/t/11443/rio-abaixo>

<https://www.todamateria.com.br/cruz-e-souza/>

<https://brasilecola.uol.com.br/literatura/augusto-dos-anjos-1.htm>

<https://mundoeducacao.uol.com.br/literatura/oswald-andradepoeta-revolucionario.htm>